



Desguarnecendo as fronteiras

Paulo Benites¹

Resenha de:

PUCHEU, Alberto. **Apoesia contemporânea**. Rio de Janeiro: Azougue, 2014.

A *poesia contemporânea*, mais novo trabalho do poeta, professor e ensaísta Alberto Pucheu, além de intitular a obra, ressoa como um apelo, um contra-conceito para pensar a relação entre a poesia brasileira contemporânea e alguns de seus efeitos, o que significa uma proposta de aproximação da poesia com seu tempo, o seu agora, o contemporâneo. O livro reúne sete ensaios que se propõem a refletir sobre o tempo contemporâneo, os efeitos e a relação desse tempo fraturado com o fazer poético do agora. São ensaios que partem de quatro poetas/ensaístas contemporâneos brasileiros: Antonio Cicero, Caio Meira, Leonardo Gandolfi e Roberto Corrêa dos Santos. Pucheu coloca em discussão com o fazer poético desses quatro escritores problematiza a relação entre poesia e contemporaneidade. Para tanto, Pucheu busca a singularidade poética de cada um. Não se trata, contudo, de um trabalho que busca fazer uma cronologia da poesia brasileira contemporânea, mas sim de um trabalho que lança algumas hipóteses para pensarmos e lermos a poesia brasileira contemporânea.

Pucheu caminha do fio da navalha. Seu percurso enfrenta a fronteira entre poesia, arte e pensamento teórico-filosófico. Para os mais tradicionais, o pensamento, que passa pela conjuntura filosófica, não pertence ao campo da criação, não passa, senão, por uma abstração. Tem-se a ideia de que o pensamento não estabelece relação com a corporeidade da palavra, o que os conduz ao caminho crítico da autonomia da arte.

Contudo, a noção de “apoesia”, vinculada a noções que vão desde de Nietzsche, passando pela heteronomia de Josefina Ludmer, bem como o pensamento crítico de Giorgio Agambem para refletir sobre o tempo do agora, sem deixar de ressoar em discursos como o da desconstrução de Jacques Derrida, discursos psicanalíticos e pós-

¹Graduado em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestre em Estudos de Linguagens, área de concentração em poéticas modernas e contemporâneas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atualmente é professor convidado na área de Ensino de Línguas na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB/Campo Grande, MS). E-mail: paul_schweizerische@hotmail.com

estruturalistas, como Jean Luc-Nancy, Pucheu nos propõe um percurso distinto de uma visada um pouco mais romântica de autonomia da arte, o que o ensaísta se propõe a fazer é um desguarnecimento das fronteiras entre poesia, arte e o pensamento teórico-filosófico.

Agora, segundo Pucheu, falamos de um “campo estendido” aonde o que mais importa é a criação de/por meio da palavra. Pensamento/criação. Não há mais como permanecer com a velha bipolaridade entre o pensamento e o ato criativo. Não se entende essas duas estâncias como algo distintos, mas sim como a possibilidade de união, entrelaçamento, para criar o que podemos chamar de vida.

Aliás, o livro de Alberto Pucheu estabelece um vínculo bastante forte com a vida. A palavra que cria a vida, o fazer poético que vai em busca de algo de vida, ao modo de Drummond que em um de seus versos diz: “Jamais ousei cantar algo de vida”, quando o que mais se canta em poesia é exatamente isso, o cerne da matéria de poesia.

Essa obra, além de trazer quatro grandes nomes do cenário poético brasileiro atual, pensar a singularidade de cada poeta, e que estão todos relacionados justamente por conta do trabalho que desenvolvem entre a criação e o pensamento, Pucheu nos brinda com uma “tese” sobre a crítica literária brasileira. Passando por grandes nomes de nossa crítica, como Antonio Candido, Silviano Santiago Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Euclides da Cunha, Eduardo Portella, Pucheu mostra a relação entre os críticos que são realmente críticos, e os críticos que têm um trabalho fronteiro com a ficção.

O que se pretende estimular no leitor é que a poesia contemporânea não pode se desvincular de seu negativo, sendo na tensão entre o afirmativo e o privativo da poesia que reside o fazer poético, sempre um lugar fraturado.

A obra de Alberto Pucheu pretende mostrar que não se tem mais controle dos limites da poesia, de seu lugar próprio, de sua identidade, o que garante à poesia a flexibilidade de se manifestar tanto nos modos esperados quanto nas maneiras mais imprevistas. Há um convívio entre o pensamento canônico de poesia e o pensamento mais excêntrico em relação a ela. A poesia contemporânea transpassa por entre as disciplinas ocasionando uma expansividade dos campos em que passa a atuar. É uma complexa rede de encenações do poético que visa desguarnecer as fronteiras e ampliar o fazer poético para os múltiplos campos e um espaço conflitivo, com diversas operações, materiais e suportes.

O que Pucheu entende por **apoesia contemporânea** “é a encruzilhada entre o artigo (a poesia) e o privativo (apoesia), a fusão entre a presença e a ausência, a

indeterminação entre o definido e a falta. Na tensão entre o olho que lê o negativo e a voz que diz o artigo, na inadequação entre o visual e o oral, nesse indecível das infinitas possibilidades entre um extremo e outro em que a única impossibilidade é a existência exclusiva de um ou outro dos extremos, está, para mim, a marca por excelência da poesia contemporânea.”

Para fechar o livro, Pucheu publicou um ensaio chamado “efeitos do contemporâneo”, um texto já presente em outros ciclos de debates e em outros livros. Esse ensaio, que poderia abrir a nova publicação de Pucheu, pois é um texto que apresenta os caminhos tortuosos para se pensar o contemporâneo, e por isso mesmo ressoa e se dissemina por entre todos os outros ensaios do livro, fica em suspenso na obra. É um ensaio flutuante que o leitor pode ler à sua maneira, dialogando sempre com os demais, pois a cada compartilhamento surgem novos caminhos e possibilidades de se ler (a poesia) brasileira contemporânea.